

UMA REVISITA A OBRA “O PODER PSIQUIÁTRICO” DE MICHEL FOUCAULT

Eduardo Voroniuk Rosseto (PIC/UEM), Daniele de Andrade Ferrazza (Orientadora),
e-mail: eduardo_rosseto@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Psicologia, Psicologia Social

Palavras-chave: Psiquiatria, Poder Disciplinar, Tratamento moral

Resumo:

A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma revisita a obra “O Poder Psiquiátrico” de Michel Foucault com intuito de estudar aspectos atuais das principais teses e concepções. Trata-se de uma pesquisa exploratória bibliográfica que foi realizada em três momentos. No primeiro, foi realizada uma análise sobre a biografia de Foucault, com intuito de apontar suas influências e o momento político e social da produção de suas conferências. No segundo momento, foi realizada uma análise no qual se procurou esclarecer as teses e conceitos apresentados na obra. E no terceiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos publicados no período de 2006 a 2017 na base de dados da SciELO, com principal destaque sobre os processos de psiquiatrização da vida. Conclui-se que as teses e conceitos apresentados por Michel Foucault em sua obra apresentam grande atualidade, destacando a sua importância para a análise e crítica das produções e práticas da psiquiatria biológica manicomial.

Introdução

A leitura da obra de Michel Foucault demonstra uma necessidade de se problematizar o papel do profissional da psiquiatria, principalmente, em aspectos relacionados às práticas de assujeitamento e tutela destinadas aos sujeitos considerados inadequados e inconvenientes e que foram submetidos aos discursos e práticas psiquiátricas. Dessa forma, se faz importante a leitura de suas conferências proferidas no *College de France*, nos anos de 1973 e 1974, sobre “O Poder Psiquiátrico” para uma análise crítica a respeito da psiquiatria, e que se apresenta como uma disciplina para além de um “ramo da medicina”, uma vez que na dificuldade de apontar causas orgânicas para as chamadas “doenças mentais” se afasta da medicina tradicional. Uma medicina que está sempre em busca de se adequar ao organicismo e neste processo desenvolve uma vasta área de poder-saber relacionada ao dispositivo disciplinar e ao controle populacional, com objetivos de produzir corpos úteis e dóceis a partir de estratégias de normalização e controle (FOUCAULT, 2006).

Nesta perspectiva, a presente pesquisa teve como objetivo realizar uma revisita a obra “O Poder Psiquiátrico” de Michel Foucault com intuito de estudar aspectos atuais das suas principais teses e concepções.

Revisão de literatura

Trata-se de uma pesquisa exploratória bibliográfica que está dividida em três partes. No primeiro momento da pesquisa foram analisadas algumas obras sobre a biografia de Michel Foucault para apontar suas influências, bem como, o momento político e social de produção das conferências, proferidas nos anos de 1973 e 1974, e publicadas na obra “O Poder Psiquiátrico”. Para tanto, foi realizado o levantamento de fontes primárias e secundárias, com intuito de contextualizar a construção das conferências.

No segundo momento, foi realizada uma análise no qual se procurou esclarecer as teses e conceitos apresentados na obra “O poder Psiquiátrico” de Michel Foucault. Para a realização dessa parte da pesquisa, o estudo foi dividido nas seguintes quatro etapas: (1) leitura analítica da obra; (2) fichamento da obra; (3) leitura de obras de referência; (4) síntese analítica (GIL, 2002).

No terceiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos publicados no período de 2006, ano de publicação da obra “O poder psiquiátrico” no Brasil, até 2017. O levantamento dos trabalhos publicados em português e em revistas nacionais ocorreu exclusivamente na base de dados da SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) a partir dos seguintes descritores nos títulos e/ou resumos: Michel Foucault, Poder Psiquiátrico, Psiquiatria. Foram selecionados e analisados integralmente três artigos com principal destaque para a análise sobre os processos de psiquiatrização da vida e do social com intuito de estudar as possíveis relações com as teses elencadas pelo filósofo na década de 70 na França.

Resultados e Discussão

A obra “O Poder Psiquiátrico” trata-se da transcrição das aulas ministradas por Foucault no *College de France*, entre os anos de 1973 e 1974, curso que pode ser compreendido como uma continuação das suas obras “História da Loucura”, “Nascimento da Clínica” e “Arqueologia do saber”, uma vez que transita sobre os saberes da loucura, bem como, da anatomopatologia clínica e das ciências humanas. No curso “O Poder Psiquiátrico” o autor irá se voltar aos dispositivos de poder, aos discursos de saber e irá analisar como se estabeleceram e ocorreram as relações de poder no âmbito da loucura, dentro da instituição psiquiátrica e manicomial. Esse foi o momento no qual o autor investiu na constituição de seu método genealógico. Em sua primeira aula do curso sobre o poder psiquiátrico, ministrada em 7 de novembro de 1973, o autor retoma a cena tida como fundadora da psiquiatria moderna, na qual Philippe Pinel (1745-1826) liberta os loucos furiosos de suas correntes em Bicêtre. A cena também mostra uma certa dívida dos loucos em relação a Pinel, que para Foucault (2006) será paga de duas maneiras: em primeiro lugar, com obediência, com a sujeição ao seu “libertador”; e em segundo lugar, com a cura, para a qual o doente terá de sujeitar-se, mesmo involuntariamente, à disciplina do médico. Dessa forma, ao contrário do que muitos

acreditaram naquela época, a cena humanista trata de uma mudança da relação de violência para uma relação de sujeição disciplinar e de submetimento ao poder supremo do médico psiquiatra.

Nessa perspectiva, Foucault (2006), em seu curso sobre “O Poder Psiquiátrico”, ao analisar as características sobre a instituição manicomial considera que a disciplina imposta pelo poder psiquiátrico envolve os corpos, os trabalha e os atravessa. E ela será colocada como necessária por dois motivos: em primeiro, para a própria constituição do saber médico, uma vez que a regularidade é requerida para se ter uma observação exata, para tal se necessita uma distribuição dos indivíduos, dos tempos e dos espaços, de maneira regular; em segundo lugar, a disciplina, a ordem imposta no manicômio, que é essencialmente o tratamento moral, é considerada como a própria operação terapêutica sobre a loucura.

Já no fim do século XIX, a partir de uma extensão do inquérito a toda população, junto a possibilidade de relacionar uma doença a um corpo autopsiado, ocorre uma vigilância geral das populações, com “o nascimento da anatomia patológica, ao mesmo tempo que o aparecimento de uma medicina estatística, de uma medicina dos grandes números” (FOUCAULT, 2006, p. 317-318). Segundo Birman (1978), a medicina passou a se articular com o Estado, assim, todo espaço sociável se tornava passível de um empreendimento médico. Nesse movimento, a psiquiatria passou a ser o ramo da medicina que deveria atuar especificamente sobre a moralidade em torno da normalização disciplinar. Porém, a psiquiatria naquele momento se encontrava distante da medicina de sua época que se fundamentava na anatomia patológica, enquanto o alienismo se encontrava ancorado na nosografia moral de Pinel. Na tentativa de modernização do aparelho psiquiátrico após o fracasso alienista, os psiquiatras se voltaram para a teoria da degenerescência engendrada por Benedict-Augustin Morel (1809-1873). As degenerescências serão descritas como desvios do “tipo normal” da humanidade transmitidos hereditariamente, que podem ter diversas causas como intoxicações, hereditariedade, doenças e influências do meio social, de todo modo, uma vez instaladas elas se transmitem aos descendentes até que se chegue aos incuráveis e a extinção da linhagem (CASTEL, 1991).

As mudanças da psiquiatria permitem já no início do século XX o triunfo do organicismo, baseado inicialmente na teoria de Morel, mas que mantém ainda o tratamento moral alienista como principal estratégia terapêutica. A concepção de degenerescências acumulativas e hereditárias desembarca em uma profilaxia que se estende para fora dos muros do asilo, uma moralização das massas, focando nos pontos considerados mais fracos da sociedade, os de desordem e de miséria. Assim, os resultados são marcados pela clara extrapolação da função médica, que se liberta das limitações dos muros dos asilos e se crê capaz de agir na sociedade como um todo, de compreender as causas das degenerescências e de dar os remédios a serem empregados, bem como de aconselhar os “decisores” da hierarquia social (CASTEL, 1991).

Nessa perspectiva, na análise das três publicações sobre a psiquiatria atual, selecionadas na base de dados da SciELO, foi possível encontrar muitas das teses e concepções da obra “O Poder Psiquiátrico”. Com destaque para as análises das práticas psiquiátricas de internação manicomial, nas quais ainda encontramos discursos de defesa social, que colocam o considerado ‘doente mental’ como

potencialmente perigoso. Assim, o poder médico psiquiátrico silencia o considerado doente mental e se utiliza esporadicamente do discurso da família apenas quando é favorável à sua legitimação. Além disso, a estratégia de poder que procura legitimar a violência asilar ainda presente, percorre uma terapêutica de cura que visa uma normalização do sujeito, uma submissão ao psiquiatra que deve ser expressa em uma certa confissão, onde o doente para receber alta e sair desta penúria asilar, precisa reconhecer as violências que sofreu como parte do tratamento terapêutico, devendo dizer e mostrar ao psiquiatra aquilo que ele quer ouvir e ver. Não menos importante, é necessário destacar que a psiquiatria atual investe em um crescente número de determinações diagnósticas, características da expansão psiquiátrica e do próprio poder disciplinar, e que acarreta em um processo de patologização da vida cotidiana, demonstrando um alto teor do velho tratamento moral sobre as massas.

Conclusões

A análise da obra “O Poder Psiquiátrico” de Michel Foucault sobre o funcionamento do poder disciplinar manicomial, bem como, a sua intrínseca relação com o tratamento moral, permite compreensões mais precisas sobre os processos de psiquiatrização da vida na atualidade brasileira. Assim, é possível se constatar discursos de defesa social sobre o ato de internação e tratamento manicomial na atualidade que acabam por legitimar a violência asilar como processo de terapêutico e garantir o silenciamento do considerado doente mental. Fenômeno que tem sido agravado pela constante expansão psiquiátrica que promove uma patologização da vida cotidiana também por meio da expansão de rótulos diagnósticos.

Referências

BIRMAN, J. **A psiquiatria como discurso da moralidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

CASTEL, R. **A ordem psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.

FOUCAULT, M. **O Poder Psiquiátrico**. 1ª ed. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda., 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.